

Woody Allen: Todos nós precisamos de um neurótico



* *Angela Joenck Cayres Pinto*

A afirmação do título é um tanto categórica. Mas afinal, o que seria de nós se não fosse o pobre coitado ao lado, nos mostrando que apesar de nossos problemas serem ruins, os dele são sempre piores? Essa é a *persona cinematográfica* de Woody Allen, que conquistou tantos admiradores através de muitas décadas de carreira. Não há meio termo. Ame-o ou deixe-o. Mas mesmo quem diz não gostar de Allen sempre dá uma espiada nos seus filmes para criticar “aquele tipinho inseguro que não tem graça nenhuma”.

Nascido no Brooklyn, Allen Stewart Koningsberg veio ao mundo em 1º de dezembro de 1935. Há quem diga que desde essa data ele está tentando sair dele. Sua família, sempre alvo de sarcasmo ácido nos filmes, era composta basicamente pelo pai, Martin, que sempre fracassava nos negócios. Sua mãe era o estereótipo ambulante da mãe judia, dominadora e religiosa. Os ritos judaicos ortodoxos que foram impostos na infância ao pequeno Woody trouxeram traumas que marcaram sua vida e obra. Sobre os progenitores, Allen dizia: “*Os valores dos meus pais eram Deus e os tapetes*”.

Aos 15 anos, Woody era influenciado pelos programas de rádio dos anos 50 e já começava a escrever seus próprios esquetes. Após ser expulso de duas universidades, decide que seu futuro estava nas casas noturnas, onde fazia *stand-up comedy*. Seu curto casamento com uma professora da escola hebraica foi fonte de muito material para esses shows. A medida que Woody melhorava sua performance, mais se aproximava das suas próprias manias. Ele

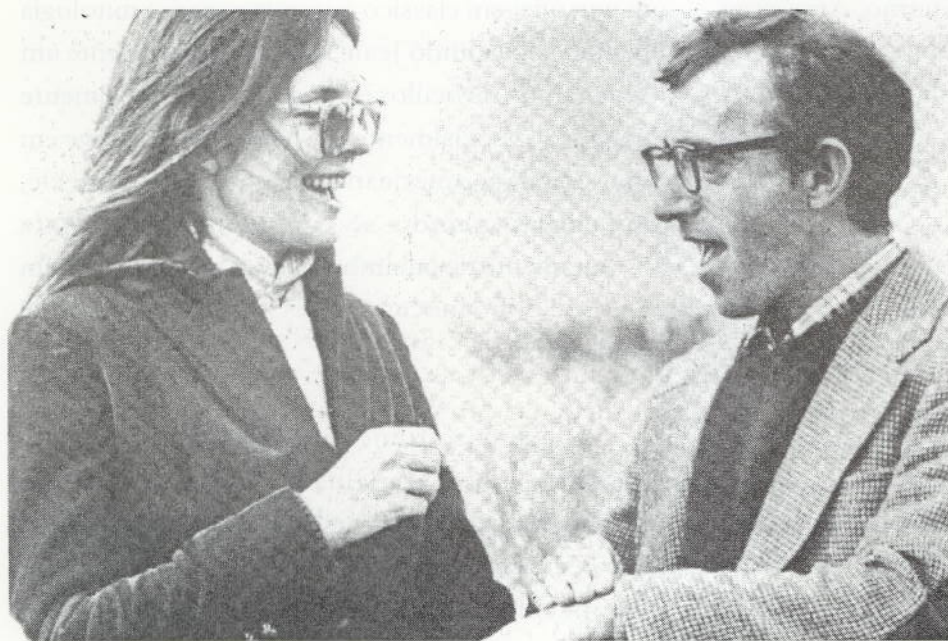
começava a se tornar objeto obsessivo de suas piadas.

A estréia de Allen no cinema se deu em “O que É que Há, Gatinha?” de 1966, com Peter O’Toole e Peter Sellers. Não satisfeito em ser apenas um ator na tela, seguiu para a direção de filmes. Compôs então um personagem clássico que entrou para a mitologia do cinema. Segundo Jean Tulard “...fisicamente um homenzinho de óculos e narigudo, detestavelmente desajeitado...socialmente um intelectual que vive em uma sociedade americana que não é feito para ele, ainda mais quando se é judeu. Não se trata absolutamente de um imbecil, ele é lúcido. Também não é um bobo inocente, pois gosta de mulheres e agrada a elas”.

O primeiro filme dirigido por ele foi “Um Assaltante bem Trapalhão”. Nele os pais do personagem principal, Virgil Starkwell, se escondem atrás de máscaras de Groucho Marx para não serem reconhecidos, com vergonha do filho. Os velhos valores e a mediocridade pequeno-burguesa permeando novamente o seu trabalho.

Porém, muito diferentemente do que representa nas telas, Allen Koningsberg é um decidido e disciplinado na área profissional. As muitas exigências que faz a si próprio dão um toque de amargura nos seus filmes: “Se tivesse nascido na Polônia, eu daria um belo abajur”. Mas demos sorte de Woody ter nascido em Nova Iorque e escolhido a cidade como cenário de nove entre dez de seus filmes. É lá que ele se sente mais a vontade. Entre as neuroses e correrias da vida moderna, Allen invariavelmente

mostra a capital do mundo com uma plasticidade estonteante, fazendo da metrópole uma “terra de Oz” que não permite pobreza nem violência. Na sua Nova Iorque encantada, todos moram no Upper East Side, passam seus dias em degustações de queijos e vinhos discutindo Kafka. Este autor tem uma influência decisiva no trabalho de Woody, assim como Bergman na área cinematográfica. Também muito forte estão os símbolos das décadas de quarenta e cinquenta. Essa busca pelos ícones da juventude pode ser conferida em “A Era do Rádio” e “Memórias”. No primeiro,



os programas de rádio que habitam o imaginário infantil com “o Vingador Mascarado” ou até mesmo a transmissão de “A Guerra dos Mundos”, por Orson Welles. Inspirado nas suas próprias experiências, a cena que exprime toda a magia do cinema na vida de Allen pode ser vista quando o pequeno Joe entra pela primeira vez no Radio City Music Hall enquanto Woody narra: “...Foi como entrar no céu. Nunca tinha visto algo tão bonito”. Em “A Rosa Púrpura do Cairo” o próprio personagem sai da tela do cinema e se materializa no mundo verdadeiro para transformar em realidade os sonhos de uma cinéfila.

Como intelectual, Woody transita em vários meios. Já escreveu peças de teatro (como Sonhos de um Sedutor), livros (Cuca Fundida e Sem Plumas) e é músico. Nunca deixa de comparecer uma vez por semana na casa noturna onde se apresenta com sua banda de jazz clássico. Suas trilhas sempre são compostas de antigos jazz, ragtime, cações populares de Gershwin e até mesmo samba. Usa a música como instrumento que visa enriquecer os filmes, aumentando a expressividade de cada cena. Através das suas trilhas sonoras, somos colocados dentro de cafés do Village em um fim de tarde e rapidamente transferidos para a sala do psicanalista em frente ao Central Park.

E suas musas? Ah, elas sempre devem ficar com o conquistador solitário que Woody representa. De Mariel Hemingway, passando por Diane Keaton e chegando a jovem Elizabeth Shue. Sempre viveu os extremos de maneira medrosa. Primeiro, a perfeição do arquétipo sofisticado de Diane Keaton. Depois, a neurose violenta com Mia Farrow. Sua vida fica de cabeça

para baixo de uma hora para outra e até nessas horas ele, apesar de enraivecer alguns, nos consola mostrando que a nossa vida ainda não é tão ruim quanto a dele.

E algum perdido questiona: Como assim? Ele é rico, famoso, casado com uma menina que é quase quarenta anos mais nova que ele. Eu respondo: ele além de se autocomiserar por ser baixinho, narigudo, ruivo e judeu em uma sociedade segregacionista, ele é claustrofóbico, neurótico e hipocondríaco. Sempre azarado, é invariavelmente criticado pelos que o

rodeiam. E chato. Muito chato. A reação do público que assistiu ao documentário *Wild Man Blues*, sobre a tour de sua banda de jazz na Europa, era de admiração. Nunca pensavam que o que liam sobre Woody era mesmo verdade. Obcecado por limpeza, separa meticulosamente suas roupas para a lavanderia e impede que o cachorro de estimação da família se aproxime dele. Apesar de todos os seus prêmios como cineasta, seus pais ainda o criticam por não ter escolhido a carreira de farmacêutico (!).

As discussões sobre qual seria o melhor filme de Woody Allen são muito subjetivas. Seu último trabalho apresentado nas salas brasileiras foi *Desconstruindo Harry*. Nele, Harry Block é um escritor que transfere todas as suas mágoas e problemas afetivos para seu novo livro, o que desperta a ira das pessoas que o cercam. Todos os personagens da obra têm algum desvio sério de conduta e são “inspirados” em alguém que ele conhece. Nesse meio tempo o personagem de Woody faz uma visitinha ao diabo. Enquanto desce para o inferno, uma gravação no elevador diz que é impossível chegar no andar reservado para a mídia. Ele já está lotado.

Assim, vai reafirmando suas convicções. Contesta a religiosidade, acusa os fanáticos por transformarem o mundo no caldeirão caótico de hoje em dia. Acha que pior que os neuróticos são aqueles chatos que se consideram queridos por todos. Admite sua falta de maturidade e crê que o humano primeiramente deve rir da sua existência. Coloca que o universo do escritor é o dos personagens e não o contrário quando constrói cenas em que suas criaturas se reúnem para aplaudir de pé o criador. E existe um pouco de cada um daqueles personagens em Woody Allen. Uma visão muito íntima de si mesmo que é exposta ao público de maneira agressiva. Ele está se distanciando cada vez mais da indústria “hollywoodiana”, que produz em massa filmes que

não solicitam a inteligência do espectador em momento algum.

Ele não faz filmes “para toda a família”. Cumprindo este papel já existe a Disney. Seus filmes exigem um mínimo de cultura e há quem diga que só essa atitude do autor já é muito exclusivista. No elitismo intelectual, Allen é aquele que pensa que a melhor frase para se ouvir na vida não é “Eu te amo” mas sim “É benigno”. E nós insistimos em entrar nas salas de cinema para ver seus filmes achando que temos problemas.

Bibliografia:

- BJÖRGMAN, Steve – Woody Allen por Woody Allen, Rio de Janeiro: Nórdica 1994
- TULARD, Jean – Dicionário de Cinema, Porto Alegre: L&PM 1996
- ALLEN, Woody – O Nada e mais alguma coisa, Porto Alegre: L&PM 1982
- ALLEN, Woody – Que Loucura!, Porto Alegre: L&PM 1983
- ALLEN, Woody – Cuca Fundida, Porto Alegre: L&PM 1971
- ALLEN, Woody – Sem plumas, Porto Alegre: L&PM 1975



*Aluna do curso de jornalismo da FAMECOS
Editora-Chefe da Cyberfam*